

CERTIFICAÇÃO DE BEM-ESTAR ANIMAL: ESQUEÇA OS MITOS E CONHEÇA OS FATOS



MITO

FATO

- Para obter a certificação, tamanho não é documento
- O processo é simples e não tem nada de complexo
- Os custos para se obter o selo Certified Humane são acessíveis para quase todas as propriedades e empresas





02

Introdução

O bem-estar animal é para todos. Não há barreiras econômicas ou geográficas para quem estiver interessado em proteger os direitos dos animais de criação a uma vida digna e sem maus tratos

03

Mito:

Só propriedades e empresas muito grandes (ou muito pequenas) podem se certificar

Fato:

A certificação é para propriedades e empresas de todos os tamanhos

07

Mito:

A certificação de bem-estar animal custa caro

Fato:

Os custos para se obter o selo Certified Humane cabem em praticamente todos os orçamentos

11

Mito:

O processo para obter a certificação é árduo e complexo

Fato:

As regras de bem-estar animal são objetivas e não há complicações

13

Conclusão

Se você está interessado em obter o selo Certified Humane, nossa recomendação: não se deixe levar pelos mitos. O futuro dos seus negócios pode depender disso.

“O bem-estar animal é para todos.

Mais de 515 milhões de animais foram criados mundo afora em fazendas e granjas certificadas com o selo.”



Há uma fraqueza profundamente enraizada na natureza humana: admiramos o que é bom, mas antes de praticá-lo muitas vezes nos impomos obstáculos. Algumas vezes as dificuldades são reais, mas em boa parte das situações elas são apenas imaginárias. Não é difícil compreender isso. Qualquer pessoa que já tentou firmar um bom propósito - como começar uma dieta, moderar o temperamento, cuidar mais da saúde - passa por um momento em que é preciso ter uma boa dose de disciplina para lidar com as objeções que vão surgindo.

Quem se depara com o tema do bem-estar animal também tem de lidar com situações semelhantes. Quase todo mundo concorda que é importante tratar bem a criação e eliminar o sofrimento da vida de aves, bovinos e suínos. Sair da teoria para a prática, porém, é algo diferente. Frequentemente os responsáveis por zelar pela aplicação de boas práticas de bem-estar animal - sejam eles proprietários rurais, criadores ou os responsáveis por empresas que utilizam carne, leite e ovos como matéria-prima - começam a supor a existência de obstáculos para adotar as boas práticas necessárias para garantir a qualidade de vida dos animais do nascimento ao abate. Há aqueles que alegam temer que os custos aumentem. Existem os produtores que pensam ter propriedades muito grandes - ou então muito pequenas - para cuidar dos animais e obter a certificação. Outros acreditam não ter condições de passar pelo processo de certificação, temendo que ela seja demasiadamente complexa. Sem uma mudança na atitude, não há como buscar uma certificação de bem-estar animal, como o selo Certified Humane. E uma vez que os produtos não assegurem aos consumidores que os direitos dos animais foram respeitados, a empresa deixa de obter as vantagens que o comportamento ético e humanizado poderia trazer para ela. Em outras palavras, o que poderia ser um motor a mover um ciclo virtuoso de crescimento sustentável permanece parado.

A trajetória do selo Certified Humane mostra algo bem diferente dessa percepção distorcida. Se o bem-estar animal realmente fosse para poucos, não haveria tantas empresas e propriedades certificadas mundo afora.

Desde que o programa nasceu, em 2003, mais de 515 milhões de animais foram criados em fazendas e granjas certificadas com o selo, assegurando o respeito às necessidades de bem-estar de cada espécie. Hoje o selo certifica 166 empresas e 5.600 fazendas e granjas nos Estados Unidos, Canadá, Chile, Peru e, é claro, Brasil. Já há por aqui produtores de leite, aves e ovos que se submetem a inspeções periódicas para ter o direito de estampar o selo Certified Humane. Também há produtores de ovos certificados no Chile e no Peru.

Resumindo, não há barreiras econômicas ou geográficas para quem estiver interessado em proteger os direitos dos animais de criação a uma vida digna e sem maus tratos. Nas próximas páginas, apresentaremos em detalhes os fatos que derrubam as principais objeções que costumam ser feitas por quem vacila entre iniciar ou não o processo de certificação.





MITO



FATO

Só propriedades e empresas muito grandes (ou muito pequenas) podem se certificar

A certificação é para propriedades e empresas de todos os tamanhos

Eis aquela que talvez seja a primeira dúvida a passar pela cabeça de quem começa a pensar em adotar boas práticas em bem-estar animal: será que isso é para propriedades rurais (ou empresas) do tamanho da minha? Curiosamente, essa questão intriga tanto os muito grandes quanto os bem pequenos. Sítiantes se perguntam se o processo de certificação não seria acessível apenas às propriedades rurais de maior porte. Grandes fazendeiros, por sua vez, questionam se um selo como o Certified Humane poderia ser obtido mais facilmente por negócios menores, mais especializados e com menor escala de produção.

Ambas as visões são infundadas. Não há nada que impeça um pequeno sítio de obter uma certificação de boas práticas em bem-estar animal. Tampouco existem obstáculos para que uma fazenda, por maior que seja, cumpra as normas que asseguram a qualidade de vida e a criação humanizada dos animais.



É possível que, no caso dos grandes produtores, as dúvidas surjam da falsa impressão de que é compensador manter uma criação sem se preocupar com a qualidade de vida dos animais. De fato, pode até parecer lucrativo aglomerar uma superpopulação de frangos, suínos ou bovinos no menor espaço possível - mesmo que eles mal possam se movimentar, mandando às favas o desconforto deles diante da promessa de produtividade elevada e de custos mais baixos. Mas as aparências enganam. Sob más condições, as matrizes suínas têm menos filhotes e a mortalidade dos leitões aumenta, segundo um estudo feito no Brasil pela World Animal Protection, organização não-governamental internacional dedicada a proteger os direitos dos animais.

Vacas estressadas produzem menos leite. A carne de bovinos submetidos a condições inadequadas de transporte perde qualidade, de acordo com uma série de estudos publicados recentemente no **livro Bem-estar dos animais como valor agregado nas cadeias produtivas de carne**, publicado no ano passado. A suposta vantagem obtida às custas do sofrimento animal não passa, portanto, de uma ilusão. Animais bem tratados adoecem menos, ganham peso mais rapidamente e produzem proteína de melhor qualidade. Em outras palavras, os animais retribuem o cuidado que recebem do nascimento ao abate com ganhos de eficiência, de produtividade e de rentabilidade.

“Não há nada que impeça um pequeno sítio de obter uma certificação de bem-estar animal. Tampouco existem obstáculos para que uma grande fazenda o faça.”

Para os pequenos produtores, a fonte mais comum das objeções é a percepção - distorcida, deve-se salientar - de que para cuidar bem dos animais há que se ultrapassar barreiras demasiadamente elevadas para quem não dispõe de capital. Mas isso está longe de ser verdade. Uma vez que a infraestrutura da propriedade esteja adaptada, não há nada - nem em aspectos financeiros nem em questões operacionais - a impedir que a criação tenha um nível de qualidade de vida adequado às normas de bem-estar.

Não pode haver complexidade para cuidar do capricho e da qualidade de vida dos animais. Primeiro, porque o direito a uma vida digna é uma questão básica para qualquer espécie. A complexidade para cumprir as normas, além disso, restringiria sua aplicação a poucas empresas. É algo muito distante da nossa visão: a crueldade e os maus tratos com os animais devem ser eliminados de toda a cadeia de produção.

Evidentemente, grandes e pequenos produtores podem ter mais ou menos dificuldades em lidar com diferentes aspectos de uma certificação – como, aliás, seria de esperar em qualquer outro assunto relacionado à boa gestão ou à operação eficiente de propriedades de portes distintos. Pode ser que os investimentos para adaptar uma propriedade às normas de bem-estar animal exijam um esforço maior de um pequeno sítio do que de um grande fazendeiro. Os grandes, por sua vez, poderão enfrentar um desafio maior para treinar funcionários e padronizar processos numa estrutura mais complexa.

Na prática, o que realmente importa, independentemente do porte da propriedade ou da empresa que pretende obter o selo Certified Humane, não é o tamanho ou a capacidade financeira, mas a organização. Produtores organizados são mais capazes de se adaptar às normas e padronizar processos, de modo a atender sem falhas os requisitos do bem-estar animal. Essa é uma das razões pelas quais produtores de carne, leite e ovos orgânicos têm geralmente mais facilidade para se certificar. **Algumas das normas da produção orgânica são semelhantes às da certificação de bem-estar animal.** É o caso da proibição do uso de antibióticos na dieta dos animais para acelerar seu crescimento. Mais importante do que isso, porém, é o fato de os produtores de alimentos orgânicos já estarem adaptados ao cumprimento de normas e à padronização de processos. Isso os torna mais ágeis em se adequar a um novo conjunto de boas práticas, como as de bem-estar animal.

Não se deve perder de vista o objetivo da certificação: assegurar aos participantes do mercado – como os consumidores, investidores e outras empresas integrantes da cadeia de produção – que uma empresa ou propriedade realmente cumpre com o que promete, proporcionando aos animais uma vida livre de maus tratos e crueldade. E isso depende, basicamente, do cumprimento de normas, da adoção de boas práticas, da manutenção de uma atitude transparente e da disposição para submeter suas práticas à averiguação de profissionais independentes e com capacidade de julgamento.

“Na prática, o que realmente importa para a certificação não é o tamanho ou a capacidade financeira de uma propriedade rural, mas sua organização.”





A certificação de bem-estar animal custa caro



Os custos para se obter o selo Certified Humane cabem em praticamente todos os orçamentos

Como já demonstramos, não há obstáculos em razão do porte para as propriedades rurais ou empresas de alimentos interessadas em obter o selo Certified Humane. Mas e os custos? Seriam eles elevados a ponto de constituir uma barreira para a conquista do certificado?

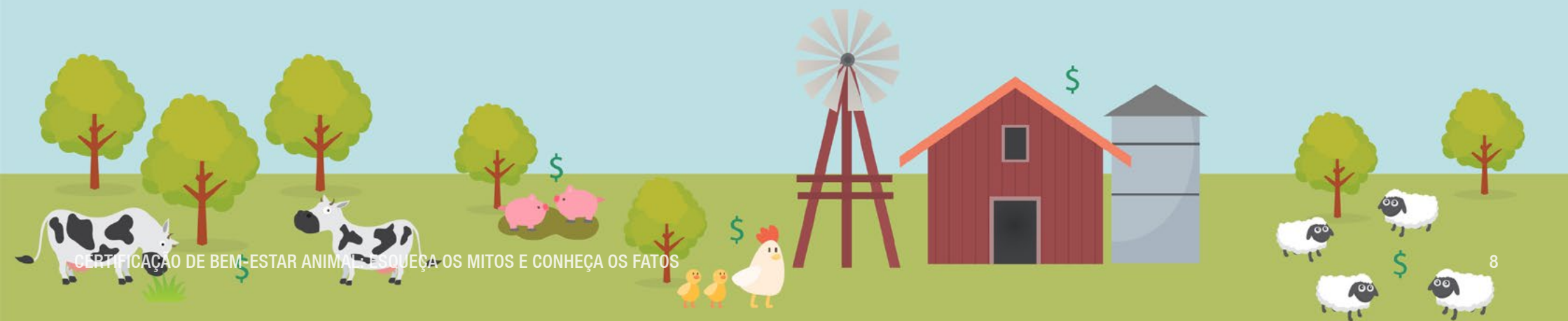
Evidentemente, o processo de certificação envolve certos investimentos. Alguns deles são anteriores ao início do processo de certificação, como é o caso das adaptações necessárias para que as instalações atendam às exigências das normas de bem-estar animal adequadas a cada espécie.

Esse é, a propósito, o ponto de partida: qualquer interessado em obter o selo deve, antes de mais nada, consultar os **referenciais** e fazer as adequações necessárias na infraestrutura de seu sítio ou fazenda.

O investimento nessas mudanças iniciais varia de acordo com as condições em que a propriedade se encontra.

Será preciso desembolsar um valor menor, por exemplo, se o ambiente onde os animais são criados estiver mais próximo do que as normas determinam. O custo será mais elevado se tudo estiver ainda muito longe do ideal. Uma vez que essa etapa tenha sido vencida, porém, os gastos tornam-se bastante acessíveis. Eles começam com uma taxa inicial hoje estipulada em 400 reais, a serem pagos pela análise dos relatórios que os interessados devem preencher solicitando a certificação inicial. A etapa seguinte está relacionada às visitas de inspeção. Os inspetores do Instituto Certified Humane Brasil precisam conhecer as propriedades ou empresas que estão solicitando a certificação para averiguar as condições de cada uma delas e avaliar sua aderência às normas de bem-estar animal.

Cabe a quem solicita o certificado arcar com as diárias desses profissionais, bem como com as despesas de deslocamento, estadia e alimentação durante o período de inspeção. O tempo necessário para concluir a inspeção varia de acordo com a extensão do serviço - e, assim, se vê como os custos se adaptam naturalmente às características de cada produtor. É de se esperar que o tempo de trabalho para a inspeção seja menor em propriedades pequenas do que em grandes fazendas. A inspeção de uma granja de frangos com apenas um aviário vai durar menos do que a de um grupo que congrega vários produtores. Em alguns casos, o custo dos inspetores pode ser repartido entre vários produtores ou empresas numa mesma região. Para isso é necessário que eles se articulem para serem inspecionados num mesmo período. Por fim, há as tarifas de certificação, cobradas das propriedades que obtêm o certificado de conformidade. Os valores são calculados com base numa tabela de acordo com o número de animais criados numa propriedade certificada ou do volume de produtos processados numa empresa que detenha o selo Certified Humane.



Outra característica do modelo é o planejamento que ele permite às propriedades certificadas. Os custos do processo são transparentes e permitem que os proprietários se programem com antecedência. Tome-se, como exemplo, a renovação anual do certificado. Uma vez obtido o selo, seja por uma fazenda ou por uma empresa, já se sabe que a inspeção terá de ser renovada a cada 12 meses. “A taxa de renovação é semelhante a da inspeção inicial, de acordo com a tabela vigente. Para isso o pedido tem de ser encaminhado até dois meses antes do aniversário da inspeção - os custos aumentam se esse prazo não for respeitado.

Considerando-se todo o investimento necessário, o custo da certificação por animal ou por produto acaba sendo praticamente irrelevante. Essa constatação fica ainda mais nítida quando se leva em conta todos benefícios econômicos auferidos por quem tem um selo como o Certified Humane. Tratando-se de custos, é relevante destacar que o bem-estar animal aumenta a eficiência, diminuindo despesas em diversas etapas da produção.

Veja o exemplo do que ocorre apenas numa delas: **estudos feitos no Brasil indicam que as perdas no transporte dos animais podem chegar a 20%**. Os prejuízos ocorrem porque freadas bruscas, superlotação de caminhões ou atrasos no trajeto provocam mortes ou mutilações aos animais transportados. Além disso, há ainda perda na qualidade da carne daqueles que sobrevivem ao suplício de uma jornada em condições degradantes da fazenda para o abatedouro. Trata-se de uma consequência das contusões provocadas por quedas e choques e da liberação de hormônios relacionada ao alto nível de estresse do animal.

Além de proporcionar ganhos de eficiência, a adesão à certificação de bem-estar animal transmite ao mercado um claro compromisso com o respeito às criaturas que dão origem ao alimento que chega à mesa das pessoas. Isso evita os riscos de ser rejeitado pelos consumidores mais conscientes - uma parcela que vem crescendo, de acordo com as pesquisas que procuram desvendar as tendências de mercado para os próximos anos.

Sempre é bom relembrar: **82% dos consumidores brasileiros afirmam que compram ou estão dispostos a comprar produtos que assegurem ter sido produzidos de acordo com boas práticas de bem-estar animal**. Fora do país, essa tendência é ainda mais marcante. Nos Estados Unidos, por exemplo, o instituto de pesquisas Millennium Research perguntou a jovens de 24 a 34 anos o que eles levam em consideração ao comprar carne ou frango. Dos três principais atributos que esse público procura numa marca, dois estão diretamente relacionados ao bem-estar animal. O primeiro deles: a criação deve ter seguido boas práticas de bem-estar animal. O outro aspecto é que a forma como os animais são alimentados importa, e muito - os entrevistados preferem, por exemplo, consumir carne de bovinos, suínos e frangos cuja alimentação não tenha sido aditivada com antibióticos para promover o crescimento. (O terceiro item mais citado foi o compromisso com a sustentabilidade ambiental).

“O custo da certificação acaba sendo irrelevante, especialmente levando em conta os benefícios econômicos auferidos por quem tem um selo como o Certified Humane.”



A aplicação de boas práticas de bem-estar animal abre às empresas e propriedades uma vasta gama de possibilidades. Torna-se possível, por exemplo, levar ao mercado produtos tão ou mais competitivos que os dos concorrentes que insistem nos métodos de produção convencionais -- mas tendo sobre eles a vantagem de atrair consumidores mais sensíveis às questões éticas e à qualidade de vida dos animais de criação.

E se o objetivo for posicionar a marca num patamar de preços mais elevados, em busca de um consumidor de maior poder aquisitivo, meio caminho já terá sido percorrido: uma boa parcela dos consumidores já se mostra disposta a pagar mais por alimentos que assegurem o tratamento humano aos animais que lhe deram origem.

INVESTIMENTO ACESSÍVEL

Quais os custos envolvidos no processo de certificação

01

Investimentos para adaptação

Antes de solicitar a certificação, a propriedade deve adaptar sua estrutura para atender o que as normas determinam.

Conheça as etapas

Quanto custa:

Depende das condições iniciais. Se a propriedade estiver próxima do que as normas exigem, o investimento tende a ser pequeno.

02

Tarifa de solicitação

Ao fazer o pedido inicial do selo Certified Humane, o responsável pela propriedade ou empresa tem de pagar uma taxa.

Quanto custa

Tarifa de 400,00 reais.

03

Tarifas de inspeção

A propriedade que solicita o certificado paga diárias pelo trabalho dos inspetores, além das despesas deles com transporte, alimentação e estadia.

Quanto custa

Para fazendas ou granjas a diária de inspeção é de 1900 reais, enquanto para unidades de processamento e abatedouros o valor é de 2500 reais. O número de diárias depende do tamanho do projeto.

04

Tarifas de certificação

A tarifa de certificação é cobrada apenas de quem obtém o selo Certified Humane. Seu valor é calculado com base no número de animais ou do volume da produção, de acordo com uma tabela de preços por produto e espécie.

Quanto custa

Ex.: propriedades com até 25 mil cabeças de gado, o valor é de 1,90 reais por cabeça. Para até 35 mil suínos, a tarifa é de 0,95 real por cabeça. Para até 6 milhões de frango de corte, paga-se 0,0055 real por ave.



O processo para obter a certificação é árduo e complexo



As regras de bem-estar animal são objetivas e não há complicações

A terceira maior preocupação quanto ao processo de certificação do selo bem-estar animal diz respeito a sua complexidade.

Quem não conhece as normas pode ter a impressão de que elas sejam difíceis demais para serem seguidas e repletas de detalhes complicados. Longe disso. Qualquer propriedade pode atingir os padrões necessários para obter o selo de bem-estar animal Certified Humane.

As referências que devem ser seguidas são bastante objetivas. Elas dizem claramente o que pode ser feito, o que se deve evitar e quais as condições nas quais os animais devem viver. Em seu conjunto, as normas não pedem nada de outro mundo. Seu objetivo é determinar aos criadores o que fazer para criar um ambiente no qual os animais não sofram.

“As normas de bem-estar animal não pedem nada de outro mundo. Seu objetivo é determinar aos criadores o que fazer para criar um ambiente no qual os animais não sofram.”

Basicamente, trata-se de atender suas necessidades. As normas dizem como fornecer comida e água e qual a quantidade adequada para cada espécie. Elas explicam de que forma assegurar que haja espaço amplo o suficiente para que cada animal possa expressar seus comportamentos naturais. Determinam como eliminar fatores de estresse, como uma iluminação excessiva, a ponto de diminuir as horas de sono dos animais de criação. Detalham ainda os cuidados com a sanidade da criação para prevenir doenças ou tratá-las da maneira correta, caso surjam. As práticas prescritas mostram como evitar dor e sofrimento desnecessário no transporte ao abate. Em outras palavras, trata-se de garantir que os animais não tenham abalos físicos, psicológicos e desconforto ambiental durante todo o seu ciclo de vida, reconhecendo neles a capacidade de sentir sofrimento, dor, prazer, felicidade.

A objetividade das regras deixa pouco espaço para dúvida. De fato, ninguém pode obter o selo de bem-estar animal se estiver “mais ou menos” em conformidade com as normas da Certified Humane. A certificação será negada, por exemplo, se algum procedimento obrigatório for ignorado ou se o produtor impedir o acesso dos inspetores à sua propriedade. Evidentemente, o produtor poderá avançar no processo de certificação caso ele tome as medidas necessárias para solucionar uma ou outra pequena falha que, por si só, não configure risco para o bem-estar animal e tenha como ser corrigida rapidamente. Mas não pode haver um número excessivo desses pequenos problemas – acumulados, eles mostram produtores descompromissados com o bem-estar animal e impedem a certificação. O ponto aqui é: as normas são claras, não é uma tarefa de outro mundo saber o que elas determinam, e o que pedem não constitui uma barreira intransponível para quem se dispôr a assumir um compromisso em favor do bem-estar animal.

Se você está interessado em obter o selo Certified Humane, nossa recomendação: não se deixe levar pelos mitos.

Nas últimas páginas, mostramos que as principais objeções à certificação de bem-estar animal são infundadas. Boa parte delas nasce do próprio desconhecimento sobre o que é o bem-estar animal e como garantir as condições adequadas nos sítios e fazendas. Se você está interessado em obter o selo Certified Humane, nossa recomendação: não se deixe levar pelos mitos.

No mercado de hoje, agentes essenciais para o crescimento dos negócios - como consumidores e investidores - já puseram o bem-estar animal no topo da lista de prioridades. Mesmo que seja preciso um pouco de disciplina e de algumas adaptações, não deixe passar a oportunidade de engrossar as fileiras em favor da qualidade de vida das criaturas das quais obtemos nosso alimento. O futuro dos seus negócios pode depender disso.



www.certifiedhumanebrasil.org

Gostou? Compartilhe nas redes sociais:

